

Faltou diálogo. O teatro cearense experimentou pela primeira vez uma evolução lenta, questionável. Foram vários espetáculos experimentais cheios de clichês e fórmulas já usadas à exaustão, portanto, 1982 foi o ano dos insucessos. Poucos ousaram. Quem sofreu foi o público que chegou a ser caridoso com alguns espetáculos montados sem nenhuma estrutura para chegar a um palco.

Chegaram de fora várias propostas, mas todos recolocam em discussão o chamado "teatro caça-níquel". E dentro dessa evolução natural, Emiliano Queiroz fez 25 anos de teatro num palco onde já apresentara textos mais expressivos. Ele, juntamente com Pepita Rodrigues e Carlos Eduardo Dollabela, terminaram por fazer de "Viva Sem Medo Suas Fantasias Sexuais" um verdadeiro terror. O mesmo aconteceu com "A Direita do Presidente", com Nestor Monteiro e Arlete Sales. Fantasia por fantasia viveu o diretor ator Ricardo Guilherme, que durante meses mostrou seus "dramas" margaridianos, um dos poucos espetáculos de folêgo montado pelo teatro cearense.

O teatro de "denúncia" passou por maus momentos. E graças a grandiloquência de "Labirinto", de Artur Guedes, com direção de Fernando Piancó, o grupo Raça pode receber o prêmio de consolo de ano por um, trabalho tão inexpressivo, quanto a carreira que eles delinearão. "Labirinto" é um espetáculo pretencioso. Misturou o cinema primário de Alex Falabello com os objetos cênicos do grupo, numa total falta de imaginação.

Patética

Neste mesmo campo, esteve o estruturado espetáculo teatral "Patética", de João Ribeiro Chaves Neto, com a segura direção de Edilson Soares, que revelou para o teatro cearense uma nova mentalidade nas remontagens teatrais. Patética, portanto, é o melhor espetáculo do opaco 1982, - méritos e direção de Edilson Soares, a iluminação de Ximenes Prado, a segura interpretação de todo o elenco que, pela primeira vez, mostrou a boa tradição do teatro cearense que tem em Haroldo Serra um marginalizado por grupos e ten-



As Moças: agradou ao público

dências. Mas Haroldo trabalha, talvez seja por isto. Na linha de vanguarda, "Concerto Prolixo", foi o ponto mais alto da vida teatral cearense. Graças a Lindenberg Cardoso, a tradição nordestina da ousadia foi experimentada. Em "Concerto Prolixo", a profusão de informação equilibrada propostas, abriu novas concepções. O espetáculo se inscreve entre os melhores de 1982 pela garra com que os alunos de um curso encararam a profissão de fé.

Na área experimental o texto "No Dia Que Vairam o Sol...", do excelente Gilmar de Carvalho, serviu para abrir rupturas, questionar o novo - o velho discurso dialético entre novo e velho como quer Roland Barthes. Ainda sob o veio do experimentalismo, Fortaleza não suportou a proposta ousada do grupo Abracadabra que veio de um segmento do Rio de Janeiro propor coisas novas,

Melhores do ano

O teatro busca seu caminho



Concerto Prolixo: o melhor



Patética: novos caminhos

pelos menos para as bandas de cá, porque no Rio os espetáculos do grupo já experimentam outras linguagens, inclusive estéticas. Marginalizados, o Abracadabra recebeu o apoio do público, mas não continuou com sua proposta de trabalho. Faltou, também, um trabalho organizado para que o grupo tomasse corpo e alma dentro de uma linguagem pessoal - a chamada reciclagem é vital.

De fora

As montagens vindas de outras regiões deixou um sabor frustran-

te no ar. De Brasília veio um grupo de teatro que fez justamente o que poderia ter feito de melhor: ficar calado. Reutilizando a velha linguagem da mímica, o grupo de Estudantes de Teatro de Brasília tentou enganar. E não conseguiu. Dentro do famoso jogo engana x engana ficou trabalhos que desenvolviam uma postura, uma procura no aumento de suas contas bancárias. Atores famosos, com trabalhos inexpressivos na televisão viajou pelo Brasil como forma de reutilizar o velho chavão da Tv e angariar algum dinheiro. O único espetáculo que mereceu nossos aplausos foi o "O Teatro Maluco de José Fidélis",



Teatro Maluco de Zé Fidells: o melhor que veio de fora montado por Mirtes Mesquita e Carlos Carvalho.

Viajando pelo Nordeste "As Moças", de Izabel Câmara, chegou a Fortaleza numa expressiva montagem dentro dos padrões de teatro revelador. Pela graça, pela coragem com que elas chegaram, só podiam conquistar o público. No campo das edições sobre teatro, a cidade viu o ano passar pobremente - não houve uma publicação relacionada com o teatro enquanto texto. E a esperança de teatro cearense está residindo na força, na expressão de Gilmar de Carvalho, o mais importante trabalhador teatral de 1982. Os musicais não tiveram chances de mostrar virtuosismo e performance. Nenhum grupo de teatro teve a ousadia de fazer adaptações locais para esta área. E como trabalho musical teatral podemos inscrever o estruturado "Metamorfose", como sinal de alerta que bons tempos virão. A eles os louros de 1982 pela graça, pela força, pela dignidade com que assumiram o palco do teatro universitário - o nosso Lira Paulistano.

As relações do teatro com seu público foram de perplexidade: o teatro não conseguiu identificar o seu próprio interlocutor e, muito menos, equacionar as suas dúvidas. E a criação esteve em debate, já que o teatro se percebeu sem fôlego para propor o seu próprio território, que é o da invenção. O coletivo, através da procura de temas brasileiros, caracterizou o trabalho de alguns grupos de teatro, como o Habeus Corpo no seu singular "B" em Cadeiras de Rodas, sem que isso significasse necessariamente a garantia de qualidade artística. Outros grupos seguiram uma linha de investigação mais psicológica, prevalecendo a tendência dos espetáculos longos em que se falou "sobre" alguma coisa e quase se esqueceu que o teatro é, sobretudo, movimento e que o corpo liberto no espaço deve se sobrepor ao roteiro intelectualizado.

Na esperança que outro "Fala Favela" (Adriano Spínola) chegue ao teatro, Fortaleza vive a eterna luta contra a crise de criação teatral. Ou remonta textos de autores fora do contexto regional ou corre o risco da estagnação.

Fica a certeza de que dias melhores virão. E com a previsão de lançamentos da "Nova Cartilha do Teatro" tomara que atores e diretores possam beber informações e transmitir ao longo de suas horas de teatro algo pelo menos revolucionário, na concepção, na estética. Porque se continuar assim será decretada a falta de imaginação total. E nunca parcial, é preciso ousadia, afinal vivemos em pleno século XX em busca de uma linguagem própria. Mas o novo é preciso vim à tona. Aqui quem sabe o teatro seja recolocado novamente no seu lugar de destaque - sairá das cochias e virá aos camarotes, ou melhor às ruas.

No meio de todo esse panorama nada animador, o teatro cearense perdeu prematuramente dois dos seus melhores atores: Gracinha Soares e José Carlos Matos. Tanto Gracinha, como José Carlos lutaram muito pelo desenvolvimento teatral da cidade, e participaram de espetáculos revolucionários. Eles, sem dúvidas, buscaram uma identidade para o teatro cearense, tão cheio de problemas, mas que no futuro poderá ser um dos mais fortes teatros feitos no Nordeste.

Odosvaldo Portugal Neiva.